

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
Comissão Executiva do Vestibular

VESTIBULAR 2013.1

REDAÇÃO/LÍNGUA PORTUGUESA

2ª FASE-1º DIA: 16 DE DEZEMBRO DE 2012

DURAÇÃO: 04 HORAS

INÍCIO: 09h00min

TÉRMINO: 13h00min



Após receber o seu **cartão-resposta**, copie nos locais apropriados, uma vez com **letra cursiva** e outra com **letra de forma**, a seguinte frase:

A lente do esforço amplia a glória.

ATENÇÃO!

Este caderno de provas contém:

- Prova I – Redação;
- Prova II – Língua Portuguesa, com 20 questões;
- Folha Definitiva de Redação (encartada).

Ao sair definitivamente da sala, o candidato deverá assinar a folha de presença e entregar ao fiscal de mesa:

- o CARTÃO-RESPOSTA preenchido e assinado;
- a FOLHA DEFINITIVA DE REDAÇÃO;
- o CADERNO DE PROVAS.

Será atribuída nota zero, na prova correspondente, ao candidato que não entregar seu cartão-resposta ou sua folha definitiva de redação.

NÚMERO DO GABARITO

Marque no local apropriado do seu cartão-resposta o número 3 que é o número do gabarito deste caderno de provas e que também se encontra indicado no rodapé de cada página.

OUTRAS INFORMAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DAS PROVAS ENCONTRAM-SE NA FOLHA DE INSTRUÇÕES QUE VOCÊ RECEBEU AO INGRESSAR NA SALA DE PROVA.

RASCUNHO DA REDAÇÃO

Se desejar, utilize esta página para o rascunho de sua redação. Não se esqueça de transcrever o seu trabalho para a folha específica da Prova de Redação.

Esta página não será objeto de correção.

GABARITO
3

NÃO ESCREVA
NAS COLUNAS

T e F

		T	F
	01		
	02		
	03		
	04		
	05		
	06		
	07		
	08		
	09		
	10		
	11		
	12		
	13		
	14		
	15		
	16		
	17		
	18		
	19		
	20		
	21		
	22		
	23		
	24		
	25		
TOTAL			

PROVA I: REDAÇÃO

Prezado(a) Candidato(a),

Nesta seleção de 2013.1, recorreremos a uma afirmação de Rui Tavares, já citada na prova de redação de 2011.2. Para esse historiador e cronista português, “O ideal universitário é as ideias. Ideias sobre como são as coisas, sobre como funcionam, sobre como deveriam funcionar, ideias sobre ideias”. Como já dissemos naquela ocasião, em concordância com o autor, é de ideias que tratamos quando lhe pedimos que escreva um texto. É de ideias que você, como aspirante a uma vaga nesta universidade pública, deve saber tratar, uma vez que a sociedade espera sua contribuição para o debate de problemas que a afetam.

O problema a ser tratado nesta prova é o da **MOBILIDADE URBANA**.

Leia os textos 1 e 2, que abordam essa questão e, em seguida, desenvolva uma das sugestões de escrita, considerando que seu texto será divulgado nas redes sociais.

Sugestão A: Escreva um texto argumentativo, tratando da mobilidade urbana como um problema cuja solução diz respeito a todos os segmentos da sociedade.

Sugestão B: Escreva uma crônica futurista, falando da sua cidade no próximo século. Considere as soluções que serão desenvolvidas para a mobilidade urbana.

TEXTO 1

Ricardo Abramovay, professor titular do Departamento de Economia da FEA, do Instituto de Relações Internacionais da USP e pesquisador do CNPq e da Fapesp, escreve o seguinte artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo em 14-12-2011.

Mobilidade versus carrocentrismo

Automóveis individuais e combustíveis fósseis são as marcas mais emblemáticas da cultura, da sociedade e da economia do século XX.

A conquista da mobilidade é um ganho extraordinário, e sua influência exprime-se no próprio desenho das cidades. Entre 1950 e 1960, nada menos que 20 milhões de pessoas passaram a viver nos subúrbios norte-americanos, movendo-se diariamente para o trabalho em carros particulares. Há hoje mais de 1 bilhão de veículos motorizados. Seiscentos milhões são automóveis.

A produção global é de 70 milhões de unidades anuais e tende a crescer. Uma grande empresa petrolífera afirma em suas peças publicitárias: precisamos nos preparar, em 2020, para um mundo com mais de 2 bilhões de veículos.

O realismo dessa previsão não a faz menos sinistra. O automóvel particular, ícone da mobilidade durante dois terços do século 20, tornou-se hoje o seu avesso.

O desenvolvimento sustentável exige uma ação firme para evitar o horizonte sombrio do trânsito paralisado por três razões básicas.

Em primeiro lugar, o automóvel individual com base no motor a combustão interna é de uma ineficiência impressionante. Ele pesa 20 vezes a carga que transporta, ocupa um espaço imenso e seu motor desperdiça entre 65% e 80% da energia que consome.

Em segundo lugar, o planejamento urbano acaba sendo norteador pela monocultura carrocentrista. Ampliar os espaços de circulação dos automóveis individuais é enxugar gelo, como já perceberam os responsáveis pelas mais dinâmicas cidades contemporâneas.

A consequência é que qualquer estratégia de crescimento econômico apoiada na instalação de mais e mais fábricas de automóveis e na expectativa de que se abram avenidas tentando dar-lhes fluidez é incompatível com cidades humanizadas e com uma economia sustentável. É acelerar em direção ao uso privado do espaço público, rumo certo, talvez, para o crescimento, mas não para o bem-estar.

Não se trata – terceiro ponto – de suprimir o automóvel individual, e sim de estimular a massificação de seu uso compartilhado. Eficiência no uso de materiais e de energia, oferta real de alternativas de locomoção e estímulo ao uso compartilhado do que até aqui foi estritamente individual são os caminhos para sustentabilidade nos transportes. A distância com relação às prioridades dos setores público e privado no Brasil não poderia ser maior.

(Texto adaptado.)

TEXTO 2

8 PRINCÍPIOS DA MOBILIDADE URBANA SUSTENTÁVEL

Habitável hoje, sustentável no futuro.

Os princípios aqui delineados visam inspirar-nos para melhorar a qualidade de vida nas cidades hoje, enquanto asseguram sua viabilidade amanhã. A cidade bem-sucedida do século XXI será repleta de escolhas, incluindo transporte não-motorizado, pós-combustível fóssil, como opções de deslocamentos. O programa As Cidades Somos Nós convida equipes de projetistas de dez cidades do mundo para aplicar esses princípios em dez locais especialmente selecionados. Nosso desejo é que esses princípios sirvam como inspiração para as autoridades nacionais e locais em todo o mundo.

1. ANDAR A PÉ: desenvolver ambiência urbana que estimule o caminhar

Diminuir a largura das ruas a atravessar; enfatizar a segurança e o conforto do pedestre; incentivar atividades ao rés-do-chão e criar espaços públicos adequados à convivência e ao relaxamento.

2. USAR A BICICLETA: priorizar redes de ciclovias e ciclo faixas

Desenhar ruas que propiciem conveniência e segurança para o ciclista; providenciar estacionamento seguro para as bicicletas públicas e privadas.

3. CONECTAR: criar sistemas compactos de ruas e caminhos

Criar redes densas de ruas e travessas com alta permeabilidade para pedestres e bicicletas; criar vias de alta capacidade para carros assim como passagens e áreas verdes para estimular o transporte não motorizado.

4. TRANSPORTAR: prover transporte coletivo de alta qualidade

Garantir um serviço de transporte frequente, rápido e direto; estabelecer, no mínimo, um corredor de alta capacidade com linhas exclusivas para o transporte público que estejam a uma distância alcançável a pé para 80% da população; localizar estações de transporte, locais de moradia, trabalho e serviços que estejam a uma distância que possa ser percorrida a pé entre eles.

5. MISTURAR: planejar o uso misto do espaço urbano

Harmonizar moradia, comércio e serviços; oferecer parques e atividades de lazer em espaços públicos ao ar livre.

6. DENSIFICAR: estabelecer correspondência entre densidade urbana e capacidade do sistema de transporte

Adaptar a densidade à capacidade do sistema de transporte; maximizar a capacidade do sistema de transportes.

7. COMPACTAR: criar regiões compactas, coesas e bem conectadas

Reduzir o espraiamento focando o desenvolvimento em áreas já ocupadas ou a ela adjacentes; fazer coexistir, no mesmo espaço, trabalho e moradia para evitar deslocamentos desnecessários.

8. PROMOVER MUDANÇAS: aumentar a mobilidade regulando o estacionamento e o uso das vias

Reduzir o número de estacionamentos para desestimular o uso de automóveis particulares nos horários de pico do trânsito; ajustar a cobrança de taxas pelo uso do automóvel segundo hora do dia e destino.

www.ascidadessomosnos.org/Index.html

PROVA II - LÍNGUA PORTUGUESA

Texto 1

CINEMA

1 Entre os meios de comunicação que
2 padronizam o comportamento de milhões, e
3 são por isso chamados de massa, o cinema é
4 o mais antigo, entre nós. A imprensa o
5 antecedeu, certamente, mas o problema
6 cronológico não é o essencial no caso.
7 Exigindo a alfabetização, a imprensa, ainda
8 que exercendo enorme influência, não teve,
9 particularmente no passado, característica de
10 meio de comunicação de massa. A
11 antecedência do cinema, assim, parece ser
12 indiscutível. E cinema pode ser apresentado,
13 e deve, sob o aspecto cultural e sob o
14 aspecto econômico, material. Nos dois,
15 fomos, por longos decênios, aqui,
16 protagonistas de papel passivo: consumimos
17 influências culturais estranhas, sofremos de
18 sua penetração e domínio, ao mesmo passo
19 que constituímos mercado consumidor de
20 proporções crescentes para a produção
21 estrangeira de filmes. [...]

22 Há que pensar, também, na deformação
23 cultural: há mais de meio século, o cinema
24 norte-americano trabalha o espírito de
25 massas brasileiras apresentando o seu *way*
26 *of life*, isto é, o *cowboy*, o *gangster*, a
27 violência desenfreada, e as suas glórias, os
28 seus mitos, os seus heróis — a sua cultura,
29 em suma. Que isso tenha sido assim, e
30 continue a ser assim, constitui, por si só,
31 anomalia indiscutível, das mais graves e
32 profundas a que foi já submetida a cultura,
33 em qualquer época, em qualquer país; mas
34 que, além disso, essa gigantesca deformação
35 tenha sido financiada pelas próprias vítimas
36 — como se aos condenados coubesse pagar
37 o serviço dos carrascos — constitui um dos
38 problemas da singular época histórica em
39 que vivemos. A deformação se apresenta
40 com dimensões tão extraordinárias e com
41 duração tão longa que chegou ao cúmulo de
42 ganhar foros de naturalidade, como se o
43 contrário é que fosse absurdo.

44 Por longos e longos decênios, foram
45 familiares aos brasileiros padrões de
46 comportamento inteiramente diversos dos
47 aqui vigentes, e hábitos, e normas, e regras.
48 Por longos e longos decênios, nossas
49 crianças adoraram heróis estrangeiros,
50 sentiram-se fascinadas por seus feitos,
51 incorporaram impressões e sentimentos
52 deles derivados à sua cultura. Por longos e
53 longos decênios, as massas brasileiras
54 aprenderam histórias norte-americanas,
55 cultuando feitos norte-americanos, adotando
56 posições norte-americanas. E, por tudo isso,
57 há longos e longos decênios, vêm pagando,
58 e pagando caro [...]. Nossos jovens

59 assimilam padrões culturais de uma
60 civilização em crise, angustiada entre o sexo
61 e a violência. Esse tem sido o papel de
62 descaracterização cultural que o cinema
63 norte-americano vem desenvolvendo, há
64 mais de meio século, no Brasil. Não há
65 talvez, em toda a história, exemplo tão
66 gigantesco de alienação cultural.

Nélson Werneck Sodré. *Síntese de História da
Cultura Brasileira*. Extraído da 15ª edição, de
1988. p. 79-80; 91-92. Texto adaptado.

01. Marque a alternativa que contém a ideia mais enfatizada por Nélson Werneck Sodré e expressa com mais detalhes no texto.

- A) O cinema norte-americano nos impôs sua cultura, descaracterizando a nossa.
- B) O meio de comunicação de massa mais antigo no Brasil é o cinema.
- C) O Brasil foi um grande mercado consumidor de filmes estrangeiros.
- D) O Brasil é o maior exemplo de descaracterização e alienação cultural.

02. Releia o que o enunciador diz sobre a imprensa no Brasil e marque com **1** as informações explícitas no texto e com **2** o que se pode inferir delas.

- () A imprensa brasileira, no passado, não teve características de meio de comunicação de massa porque exigia pessoas que soubessem ler.
- () No Brasil da época, o índice de analfabetismo era muito alto.
- () A influência cultural da imprensa sobre as massas brasileiras é mais recente que a do cinema.
- () Os jovens brasileiros assimilaram a cultura norte-americana como se fosse nacional.
- () Para o enunciador, o prolongado tempo de ação do cinema americano sobre os valores nacionais brasileiros constitui uma anomalia.

Está correta, de cima para baixo, a seguinte sequência:

- A) 2, 1, 1, 2, 2.
- B) 1, 2, 1, 2, 2.
- C) 1, 2, 2, 1, 1.
- D) 2, 1, 2, 1, 1.

03. “Nos dois, fomos, por longos decênios, aqui, protagonistas de papel passivo” (linhas 14-16). Marque a opção correta em relação ao que se diz sobre o excerto transcrito.

- A) A expressão “(n)os dois” refere-se à imprensa e ao cinema.
- B) O sentido de “aqui” só é esclarecido no paratexto (informações pós-texto).
- C) “Longos” significa, no texto, algo de grande comprimento.
- D) Ao caracterizar “decênios”, o adjetivo “longos” reveste de subjetividade a expressão “longos decênios”.

04. A expressão inglesa “*way of life*” (linhas 25-26) significa “modo de vida”. Como foi usada no texto, inclui os seguintes elementos:

- A) *cowboy* e *gangster*, imprensa, cinema e alfabetização.
- B) influências culturais estranhas, violência desenfreada, glórias, mitos e heróis.
- C) *cowboy* e *gangster*, violência desenfreada, glórias, mitos e heróis.
- D) violência desenfreada, glórias, imprensa, cinema e alfabetização.

05. Atente ao que se diz sobre “alienação cultural” (linha 66) de acordo com o raciocínio seguido pelo enunciador, no contexto específico do texto em análise. A alienação cultural pressupõe

- I. duas sociedades: uma que desempenha um papel ativo (a que aliena) e outra que desempenha um papel passivo (a que não reage e se deixa alienar).
- II. uma sociedade que se afasta de sua real natureza, de seus valores e assimila a natureza e os valores de outra sociedade.
- III. uma indiferença aos problemas políticos e sociais de uma sociedade, em decorrência de uma decepção com os governantes.

Está correto o que se diz em

- A) I e II apenas.
- B) II e III apenas.
- C) I e III apenas.
- D) I, II e III.

06. As seguintes expressões destacadas do texto são marcas de autoria: “Que isso tenha sido assim, e continue a ser assim, constitui, por si só, anomalia indiscutível, das mais graves e profundas a que foi já submetida a cultura, em qualquer época, em qualquer país” (linhas 29-33); “Nossos jovens

assimilam padrões culturais de uma civilização em crise, angustiada entre o sexo e a violência.” (linhas 58-61); “Não há talvez, em toda a história, exemplo tão gigantesco de alienação cultural.” (linhas 64-66)

Essas marcas caracterizam o enunciador como

- A) um estudioso imparcial, que discute os dados de uma pesquisa, sem expor ou sugerir suas preferências.
- B) um estudioso apaixonado pelo tema, que toma partido e se expõe, sendo, de certa forma, tendencioso.
- C) um cientista racional, frio e altamente criterioso, que não revela seu ponto de vista.
- D) um pesquisador irônico e sarcástico, mas também minucioso, que expõe claramente sua posição política.

07. A oração “Exigindo a alfabetização” (linha 7) poderia ser substituída, sem prejuízo da compreensão do texto, por

- A) Embora exigisse a alfabetização.
- B) Para que exigisse a alfabetização.
- C) Caso exigisse a alfabetização.
- D) Como exigisse a alfabetização.

08. Entendendo-se concessão como um “fato subordinado e contrário ao da ação principal de uma oração, mas incapaz de impedir que tal ação venha a ocorrer” (Houaiss), assinale a opção que apresenta uma concessão.

- A) “que chegou ao cúmulo de ganhar foros de naturalidade” (linhas 41-42)
- B) “ainda que exercendo enorme influência” (linhas 7-8)
- C) “ao mesmo passo que constituímos mercado consumidor de proporções crescentes para a produção estrangeira de filmes” (linhas 18-21)
- D) “cultuando feitos norte-americanos” (linha 55)

09. Há palavras ou expressões consideradas modalizadoras. Com elas, o locutor expressa sua atitude em relação ao seu próprio discurso. Dentre as expressões em destaque assinale a única que **NÃO** tem essa função.

- A) por isso (linha 3)
- B) parece ser (linha 11)
- C) indiscutível (linha 31)
- D) talvez (linha 65)

10. Nas linhas 12 e 13, o locutor emprega dois modalizadores: “pode (ser)” e “deve (ser)”. Atente ao que se diz sobre esse uso.

- I. Com o uso do “pode (ser)”, o locutor expressa possibilidade; com o uso do “deve (ser)”, indica obrigatoriedade.
- II. O emprego dessas duas expressões modalizadoras, do modo como aparecem no texto, é um recurso linguístico para valorizar a segunda: “deve (ser)”.
- III. Expressões como a primeira atenuam a responsabilidade do locutor; expressões como a segunda maximizam a responsabilidade do locutor.

Está correto o que se diz em

- A) I e III.
- B) II e III.
- C) I, II, III.
- D) I e II.

11. Observe que, no último parágrafo, o enunciador repete a expressão “Por longos e longos decênios”. Emprega-a três vezes no início de períodos seguidos e uma quarta vez no meio de outro período. Essa insistente repetição só **NÃO** pode ser considerada um recurso para enfatizar

- A) a rejeição dos brasileiros aos produtos nacionais.
- B) o longo tempo durante o qual o Brasil recebeu e assimilou influências estrangeiras.
- C) a intensidade com que se deu a influência cultural estrangeira no Brasil.
- D) a falta de reação dos brasileiros à imposição de uma cultura estrangeira à cultura local.

Texto 2

O conto que vem a seguir é classificado como fantástico. O conto fantástico se constitui de uma narrativa em que se chocam o plano do natural e o plano do sobrenatural (vocábulo que indica somente o que não é natural, não tem conotação religiosa). Nesse conflito, o âmbito do sobrenatural invade o âmbito do natural, geralmente desestruturando-o. O desfecho de uma narrativa fantástica não deve proporcionar, ao contrário do desfecho da narrativa de mistério, um esclarecimento, no texto, para o fato sobrenatural.

A LUA

“Seja aquela uma noite solitária, e não digna de louvor.” (Jó, III, 7)

67 Nem luz, nem luar. O céu e as ruas
68 apareciam escuros, prejudicando, de certo
69 modo, os meus desígnios. Sólida, porém, era a
70 minha paciência e eu nada fazia senão vigiar
71 os passos de Cris. Todas as noites, após o
72 jantar, esperava-o encostado ao muro de sua
73 residência, despreocupado em esconder-me ou
74 tomar qualquer precaução para fugir aos seus
75 olhos, pois nunca se inquietava com o que
76 poderia estar se passando em torno dele. A
77 profunda escuridão que nos cercava e a
78 rapidez com que, ao sair de casa, ganhava o
79 passeio jamais me permitiram ver-lhe a
80 fisionomia. Resoluto, avançava pela calçada,
81 como se tivesse um lugar certo para ir. Pouco
82 a pouco, os seus movimentos tornavam-se
83 lentos e indecisos, desmentindo-lhe a
84 determinação anterior. Acompanhava-o com
85 dificuldade. Sombras maliciosas e traiçoeiras
86 vinham ao meu encontro, forçando-me a
87 enervantes recuos. O invisível andava pelas
88 minhas mãos, enquanto Cris, sereno e
89 desembaraçado, locomovia-se facilmente. Não
90 parasse ele repetidas vezes, impossível seria a
91 minha tarefa. Quando vislumbrava seu vulto,
92 depois de tê-lo perdido por momentos,
93 encontrava-o agachado, enchendo os bolsos
94 internos com coisas impossíveis de serem
95 distinguidas de longe.

96 Na volta, de madrugada, Cris ia retirando
97 de dentro do paletó os objetos que colhera na
98 ida e, um a um, jogava-os fora. Tinha a
99 impressão de que os olhava com ternura antes
100 de livrar-se deles.

101 Alguns meses decorridos, os seus passeios
102 obedeciam ainda a uma regularidade
103 constante. Sim, invariável era o trajeto
104 seguido por Cris, não obstante a aparente falta
105 de rumo com que caminhava. Atingia a zona
106 suburbana da cidade, onde os prédios eram
107 raros e sujos. Somente estacava ao deparar
108 uma casa de armarinho, em cuja vitrina,
109 forrada de papel crepom, encontrava-se
110 permanentemente exposta uma pobre boneca.
111 Tinha os olhos azuis e um sorriso de massa.

112 Uma noite — já me acostumara ao negro
113 da noite — constatei, ligeiramente
114 surpreendido, que os seus passos não nos
115 conduziram pelo itinerário da véspera. (Havia
116 algo que ainda não amadurecera o suficiente
117 para sofrer tão súbita ruptura.)

118 Nesse dia, o andar firme, seguiu em linha
119 reta. Atravessou o centro urbano, deixou para
120 trás a avenida em que se localizava o comércio
121 atacadista. Apenas se demorou uma vez —
122 assim mesmo momentaneamente — defronte

123 a um cinema, no qual meninos de outros
124 tempos assistiam filmes em série. Fez menção
125 de comprar entrada, o que deveras me
126 alarmou. Contudo, sua indecisão foi breve e
127 prosseguiu a caminhada. Enfiou-se pela rua do
128 meretrício, parando a espaços, diante dos
129 portões, espiando pelas janelas, quase todas
130 muito próximas do solo.
131 Em frente a uma casa baixa, a única da
132 cidade que aparecia iluminada, estacionou
133 hesitante. Tive a impressão de que aquele
134 seria o instante preciso, pois, se Cris
135 retrocedesse, não lograria outra oportunidade.
136 Corri para seu lado e, sacando do punhal,
137 mergulhei-o nas suas costas. Sem um gemido
138 e o mais leve estertor, caiu no chão. Do seu
139 corpo magro saiu a lua. Uma meretriz que
140 passava, talvez movida por impensado gesto,
141 agarrou-a nas mãos, enquanto uma garoa de
142 prata cobria a roupa do morto. A mulher,
143 vendo o que sustinha entre os dedos, se
144 desfez num pranto convulsivo. Abandonando a
145 lua, que foi varando o espaço, ela escondeu a
146 face no meu ombro. Afastei-a de mim. E,
147 abaixando-me, contemplei o rosto de Cris. Um
148 rosto infantil, os olhos azuis. O sorriso de
149 massa.

Murilo Rubião. *Contos reunidos*. p. 133-135.

12. O conto fantástico, mais do que o conto realista, precisa de uma ambientação adequada que dê sustentação ao mistério. Marque a única opção que **NÃO** traz elementos que entraram na construção do cenário fantástico do texto.

- A) "Sombras maliciosas e traiçoeiras vinham ao meu encontro, forçando-me a enervantes recuos." (linhas 85-87)
- B) "Não parasse ele repetidas vezes, impossível seria a minha tarefa." (linhas 89-91)
- C) "Nem luz, nem luar. O céu e as ruas apareciam escuros" (linhas 67-68).
- D) "A profunda escuridão que nos cercava" (linhas 76-77).

13. Faz parte da teoria do conto a ideia de que esse tipo de narrativa não permite os excessos; se aparecer um detalhe aparentemente sem importância, ele terá uma função em algum momento do texto. Por exemplo: se uma espingarda aparecer encostada a um canto, pode-se ter certeza de que ela vai disparar. No conto em pauta, essa teoria se confirma por meio do aparecimento do(a,s)

- A) objetos colhidos na rua por Cris.
- B) cinema onde Cris parou.
- C) prédios raros e sujos do subúrbio.
- D) boneca vista na vitrine do armário.

14. Observe o que se diz sobre a técnica da narrativa em foco.

- I. A narrativa é feita em primeira pessoa, por um narrador que, sendo também personagem, narra somente de sua perspectiva. A narrativa em primeira pessoa é apropriada ao conto fantástico porque quem narra é a mesma pessoa que viveu o episódio narrado. Não o ouviu de terceiros.
- II. A narrativa é feita por um narrador-personagem onisciente, que penetra no interior das outras personagens e consegue ler seus pensamentos. Essa técnica narrativa não é apropriada ao conto fantástico, uma vez que o narrador, sendo consciente de tudo, sabe qual o mistério que dá sustentação ao sobrenatural.
- III. A narração é feita da perspectiva da personagem não-narradora. Essa personagem, participando dos acontecimentos, segue as outras personagens e pode narrar tudo o que elas fazem e até prever o que estão escondendo e guardando para ser revelado somente no final, o que aumenta a sensação do mistério.

Está correto o que se diz somente em

- A) II.
- B) II e III.
- C) I.
- D) I e III.

15. O conto apresenta uma série de indefinições: não se sabe quem é a personagem narradora nem o Cris; também não se sabe o motivo de o narrador segui-lo e, por fim, matá-lo. Com essas lacunas o locutor tem a intenção de obscurecer os limites entre o real e o sobrenatural, e

- I. atingir o leitor que será levado a confundir ficção com mentira.
- II. dar oportunidade ao leitor de preencher as lacunas e, assim, fazê-lo assumir a função de coenunciador.
- III. aumentar o suspense e dar força ao fantástico.

Completa corretamente a afirmação o que se diz em

- A) I e II apenas.
- B) I, II e III.
- C) I e III apenas.
- D) II e III apenas.

16. Observe as referências a Cris: “nunca se inquietava com o que poderia estar se passando em torno dele.” (linhas 75-76); “Cris, sereno e desembaraçado, locomovia-se facilmente.” (linhas 88-89); “Tinha a impressão de que os olhava com ternura antes de livrar-se deles.” (linhas 98-100); “Do seu corpo magro saiu a lua.” (linhas 138-139).

Essas referências caracterizam Cris como

- A) um débil mental.
- B) um ser especial.
- C) uma alma penada.
- D) um ilusionista.

17. O andar firme e em linha reta em certa noite; a chegada à rua do meretrício; as paradas diante dos portões e as espiadelas pelas janelas são ações que permitem afirmar que Cris

- A) tinha uma missão determinada.
- B) estava perdido.
- C) não sabia o que procurava.
- D) queria os serviços de uma prostituta.

18. Alguns dos motivos mais explorados no conto fantástico estão relacionados abaixo. Assinale o que foi explorado no conto em pauta.

- A) a possessão
- B) a metamorfose
- C) a imortalidade
- D) o retorno ao passado

19. O texto literário possibilita mais de uma leitura: uma no plano superficial e outra ou outras no plano mais profundo. Apliquemos esta teoria no texto em estudo. Quando o narrador-personagem mata Cris, sai do corpo do morto a lua. Atente ao que se diz sobre o fenômeno.

- I. Uma leitura mais superficial do texto indicaria que o surgimento da lua nas mãos de Cris supriria a falta de luz naquela rua.
- II. Uma leitura mais profunda do texto seria no campo simbólico: a lua representaria a transformação, o crescimento, a passagem da vida à morte.

Sobre as declarações acima, pode-se afirmar corretamente que

- A) I é falsa e II é verdadeira.
- B) II é falsa e I é verdadeira.
- C) ambas são falsas.
- D) ambas são verdadeiras.

20. Atente ao que se diz sobre “O invisível andava pelas minhas mãos” (linha 87-88).

- I. Há, no enunciado em destaque, um desvio no nível textual quando se atribui ao “invisível” a faculdade de andar.
- II. Construiu-se em “O invisível andava pelas minhas mãos” uma metáfora de grande alcance sensorial.
- III. Com o processo descrito anteriormente, ocorreu uma intensificação da sensação tátil. Mas, como é o “invisível” que se torna palpável, há uma ênfase na dificuldade de, no meio da escuridão, a personagem-narradora visualizar Cris, apesar de ela sentir que ele deve estar por perto.

Está correto o que se diz em

- A) II e III somente.
- B) I e II somente.
- C) I, II e III.
- D) I e III somente.